

ALEXANDRE DUMAS
com PAUL LACROIX e PAUL BOCAGE

OS MIL E UM FANTASMAS

Tradução do francês (França) por
MANUEL JOÃO GOMES

ÍNDICE GERAL

A Rua de Diana em Fontenay-Aux-Roses.....	9
O Impasse dos Sargentos	19
Os Autos	29
A Casa de Scarron.....	39
A Bofetada de Carlota Corday	51
Solange	63
Alberto	77
O Gato, o Meirinho e o Esqueleto	89
As Tumbas de Saint-Denis.....	103
Artifaille	119
A Pulseira de Cabelos.....	145
Os Montes Cárpatos	155
O Castelo de Brankovan	167
Os Dois Irmãos.....	175
O Mosteiro de Hango.....	187

Capítulo primeiro

A RUA DE DIANA EM FONTENAY-AUX-ROSES

No 1.º de Setembro de 1831, fui convidado por um velho amigo meu, chefe de gabinete nos domínios privados do rei, a assistir, com ele e o seu filho, à abertura da caça em Fontenay-aux-Roses.

Nessa época, eu gostava muito de caçar e, na minha qualidade de grande caçador, dava muita importância à escolha do sítio onde em cada ano se procedia à abertura da caça.

Íamos habitualmente à quinta de qualquer amigo ou às terras de um amigo de meu cunhado; foi de resto nessas terras que eu, matando a primeira lebre, fiz a minha iniciação na ciência de Nemrod e Elzéar Blaze. Situava-se a quinta a meio caminho entre as matas de Compiègne e Villiers-Cotterêts, a meia légua da encantadora aldeia de Morienvall, e a meia légua das magníficas ruínas de Pierrefonds.

As duas ou três mil jeiras dessa quinta constituíam uma vastíssima planície quase inteiramente rodeada de bosque, cortada a meio por um bonito vale ao fundo do qual se vêem, entre frescos prados e árvores em todos os tons de verde, inúmeras casas perdidas pelo

meio do arvoredos; são denunciadas pelas névoas de fumo azulado que, protegidas pelas montanhas circunvizinhas, sobem direitas ao céu e, uma vez chegadas às camadas superiores do ar, se curvam e se abrem como copas de palmeiras, submissas à direcção do vento.

Na dita planície e nas duas vertentes do vale, vinda das duas matas, congrega-se a caça como em autêntico espaço neutro.

E deste modo, na planície de Brassoire, caça-se de tudo: cabrito-montês e faisão, na orla do bosque; lebre nos sítios altos; coelho nas encostas; perdizes ao redor da quinta. O Sr. Mocquet – era o nome do nosso amigo – sabia a hora a que íamos chegar; caçávamos durante todo o dia e no dia seguinte, às duas horas, regressávamos a Paris, depois de termos apanhado, entre os quatro, 150 peças de caça, das quais o nosso anfitrião não aceitava nem uma.

Naquele ano, porém, infiel ao Sr. Mocquet, eu cedera às pressões do meu colega de trabalho, tão impressionado eu tinha ficado com um quadro que o filho dele, distinto aluno da Escola de Roma, me oferecera e que representava uma vista da planície de Fontenay-aux-Roses, com restolhos a abarrotar de lebres e luzernas inçadas de perdizes.

Eu nunca fora a Fontenay-aux-Roses: ninguém deve conhecer os arredores de Paris tão mal como eu. Quando me resolvo a sair, é sempre para palmilhar quinhentas ou seiscentas léguas. A mais insignificante mudança de lugar proporciona-me assim milhentos motivos de curiosidade.

Parti para Fontenay às seis da tarde, com a cabeça sempre de fora da portinhola, como é meu costume: passei a Barreira do Inferno, deixei à minha esquerda a Rua de La Tombe-Issoire, e meti pela estrada de Orléans.

Como se sabe, Issoire é o nome de um famoso bandido que, nos tempos de Juliano, extorquia as fortunas aos viajantes que iam a caminho de Lutécia. Quer-me parecer que acabou por ser preso e foi enterrado no sítio que dele recebeu o nome, perto das Catacumbas.

A planície que se estende ao pé do Petit-Mont Rouge tem um aspecto estranho. No meio dos prados artificiais, campos de cenouras e fileiras de beterrabas, erguem-se uma espécie de torres quadradas, de pedra branca, sobre as quais se vê uma roda dentada semelhante ao esqueleto de um fogo-de-artifício apagado. Estas rodas têm em redor da sua circunferência umas barras de madeira sobre as quais um homem vai apoiando ora um pé ora outro. Este trabalho de esquilo que dá ao trabalhador um incessante movimento aparente, sem que todavia ele saia do mesmo sítio, tem por fim fazer enrolar uma corda que, ao ser içada, traz para a superfície do solo uma pedra talhada nas profundezas das pedreiras, e que vai lentamente subindo até aparecer à luz do dia.

Há depois um gancho que agarra na dita pedra e a leva até junto de um orifício onde umas rodas a esperam, para a levarem ao seu destino. E a corda desce novamente às profundezas, a buscar nova carga, concedendo entretanto um momento de descanso ao novo Íxion que, com um berro, é informado de que outra pedra espera pela acção que a obrigará a deixar a pedreira natal; e este mesmo trabalho recomeça, uma vez e outra, sem parar.

Ao chegar à noite, o homem percorreu dez léguas sem ter mudado de sítio; se na realidade subisse um degrau de cada vez que o seu pé move a roda acabaria por chegar à lua no fim de 23 anos.

É principalmente à tarde, ou seja, à hora em que eu passava pela planície que separa o pequeno do grande Montrouge, que o panorama, com o número infinito de rodas a mexer, tendo como pano de fundo um

fulgurante pôr-do-sol, adquire um aspecto fantástico. Dir-se-ia uma daquelas gravuras de Goya em que, numa atmosfera de cores neutras, os ladrões de dentaduras rebuscam os enforcados.

As rodas param por volta das sete horas; acabou-se a jorna. Estes pedregulhos, com sessenta pés de comprimento e seis a oito de altura, são a futura Paris a ser arrancada do fundo da terra. As pedreiras de onde estes calhaus procedem aumentam de dia para dia, dando continuação às catacumbas, que estiveram na origem da antiga Paris. A cidade subterrânea vai assim aumentando, conquistando terreno, tomando a forma de círculo: quem anda por estas pradarias de Montrouge caminha assim sobre inúmeros abismos. De vez em quando deparamos com um aluimento de terras, um vale em miniatura, um pedaço de solo enrugado; é alguma pedreira mal escorada, cujo tecto calcário rebentou, o que originou uma fissura pela qual a água penetrou na caverna; a água, por sua vez, arrastou terra e o terreno tornou-se movediço; chama-se a isto um *fondis*.

Se se ignorar isto, se se ignorar que estes belos e apetecíveis prados verdes repousam sobre nada, pode muito bem, ao pôr-se o pé numa destas rachas, desaparecer-se da mesma maneira que em Montanvert se desaparece entre duas muralhas de gelo.

A população que habita estas galerias subterrâneas tem um carácter e uma fisionomia muito condizentes com a vida que leva. Como vivem no escuro, têm instintos de animais nocturnos, ou seja, são silenciosos e ferozes. Ouve-se às vezes falar de determinado acidente: falhou uma viga, quebrou-se uma corda, um homem foi esmagado. Cá à superfície julga-se que foi um acidente: 30 pés mais abaixo, sabe-se que se trata de um crime.

O aspecto dos cabouqueiros é no geral sinistro. A luz do dia obriga-os a ter olhos piscos e um tom de voz

surdo. Têm cabelos lisos e caídos até às sobrancelhas; a barba só nos domingos de manhã é que conhece lâmina; usam um colete que deixa à mostra as mangas da camisa de pano cru, um avental de couro embranquecido no contacto com a pedra, calças de cotim azul. Levam ao ombro o gibão dobrado ao meio e por cima deste enchumaço o cabo da picareta ou do picão com que trabalham a pedra seis dias completos por semana.

Quando há motins, é raro não estarem neles implicados os homens que acabámos de descrever. Quando na Barreira do Inferno se diz: «Olha, vêm lá os cabouqueiros de Montrouge!», os moradores das ruas próximas abanam a cabeça e fecham as portas.

Tudo isto eu pude ver e observar a esta hora crepuscular que no mês de Setembro separa o dia da noite; chegada a noite, meti-me para dentro da carruagem de onde nenhum dos meus companheiros havia certamente vislumbrado tudo quanto eu avistei. Acontece o mesmo com tudo o resto: são muitos os que olham e poucos os que vêem.

Chegámos a Fontenay cerca das oito e meia; à nossa espera, uma excelente ceia e, depois da ceia, um passeio pelo jardim.

Sorrente é uma floresta de laranjeiras; Fontenay é um raminho de rosas. Todas as casas têm a sua roseira a trepar pela parede acima, com o pé protegido por umas tábuas. Ao atingir determinada altura, a roseira começa a alargar em forma de gigantesco leque; o ar é perfumado e, quando em vez do ar perpassa o vento, começam a chover pétalas de rosa, numa chuva como a da festa do Corpo-de-Deus, quando esse Corpo ainda era festejado.

Ao fundo do jardim, ter-nos-ia sido possível observar um imenso panorama, se fosse de dia. Só umas poucas luzes esparsas no espaço nos indicavam as aldeias de

Sceaux, Bagneux, Châtillon e Montrouge; lá mesmo ao fundo de tudo, estendia-se uma linha esbranquiçada de onde emergia um ruído surdo parecido com o ronco de Leviatã: era Paris a respirar.

Quase que tivemos de ser obrigados pela força a ir para a cama, como se faz aos miúdos. Éramos bem capazes de ter ficado ali até de manhã, sob aquele formoso céu cravejado de estrelas, bafejados pela brisa perfumada.

Às cinco da manhã encaminhámo-nos para a caça, guiados pelo filho do nosso anfitrião que nos prometera mundos e fundos e que, devo dizê-lo, não deixou de nos gabar a fecundidade venatória do seu território, de forma mais insistente do que aquilo que na realidade pudemos comprovar.

Ao meio-dia tínhamos já dado com um coelho e quatro perdizes. O coelho fora falhado pelo meu companheiro da direita, o da minha esquerda falhara por sua vez uma perdiz; quanto às outras três perdizes, duas tinham sido mortas por mim. Se fosse em Brassoire, ao meio-dia já eu tinha mandado para a quinta três ou quatro lebres e quinze ou vinte perdizes.

Eu cá gosto de caça, mas detesto passeios, sobretudo passeios pelo campo fora. Foi por isso que, a pretexto de ir espiolhar um campo de luzerna situado à minha extrema-esquerda, e onde tinha a certeza de nada achar, saí do grupo e fiz um desvio.

Mas o que nesse campo havia, o que eu já lobrigara nele, desejoso como estava de me retirar, havia mais de duas horas, era um atalho através do qual, depois de virar pela estrada de Sceaux, seguia directamente para Fontenay-aux-Roses.

Não me enganara. Ao bater a uma hora no campanário da freguesia estava eu a chegar junto das primeiras casas da freguesia.